

**O PRIMEIRO URBAN SKETCHER DE FRANCA**

Em 1981, estava fazendo a pesquisa para o meu livro “Franca, itinerário urbano”, localizando fontes, identificando novas imagens e histórias sobre a velha Franca do Imperador. Ao ler numa revista semanal a resenha do livro “O Brasil do Primeiro Reinado visto pelo botânico William John Burchell 1825/1829”, de Gilberto Ferrez e editado pela Fundação João Moreira Salles com a Fundação Nacional Pró-Memória, deparei-me com uma citação a desenhos de Jundiaí e Franca. Fiquei intrigado com isso, pois conhecia vários textos de viajantes europeus pelo interior do Brasil que descrevem Franca em seus primórdios no início do século XIX, como D’Alincourt e Saint Hilaire, mas haveria um desenho da cidade, até então desconhecido?

Conversei sobre isso com o Nelson Pucci, culto empresário que era o mecenas do livro (bancou com seu dinheiro a impressão dos dois mil exemplares do livro, lançado em 1983) e ele me disse: “semana que vem vou a São Paulo e tentarei achar o livro”. Duas semanas depois, ele me chamou até a fábrica Amazonas, a indústria da qual era um dos sócios e me entregou o livro: “é um presente para você. O desenho existe, está aí e é magnífico”.

A descoberta do desenho para usar no livro e torná-lo conhecido dos francanos foi um acaso, daqueles inesperados, mas a verdadeira história por trás do desenho de Burchell é muito mais interessante. Segundo Aloísio Magalhães, “Burchell era um inglês andarilho, singular combinação de sábio e cientista, que transitava com igual desenvoltura nos domínios da ciência e das artes, botânico por formação, pintor e desenhista por vocação irresistível”. Passou quase cinco anos no Brasil, onde desenhou principalmente aspectos arquitetônicos, igrejas, capelas, residências, praças, ruas e sobrados. São impressionantes o panorama da cidade do Rio de Janeiro, uma perspectiva maravilhosa do alto dos morros mostrando toda a beleza da “Cidade Maravilhosa”. O esmero nos detalhes de beirais, esquadrias, muxarabis, balcões, um espanto a qualidade do desenho de Burchell.

No entanto, esses desenhos permaneceram praticamente desconhecidos dos brasileiros até que, na década de 1960, o pesquisador Marcos Carneiro de Mendonça viu os 260 desenhos originais numa estante da biblioteca de uma universidade de Johannesburgo na África do Sul e alertou Gilberto Ferrez de sua existência. Não se sabe ao certo como eles foram parar na África. A partir daí, Ferraz iniciou uma verdadeira “caçada” para identificar e apresentar aos brasileiros a obra magistral do inglês, que culminou vinte anos depois com a publicação do belo livro citado, que está em minha estante em local privilegiado, pois sempre retorno a ele.

Infelizmente, nunca foi encontrado o diário de viagem que o britânico escreveu, pois anotou nos desenhos datas e elementos que permitiriam confrontar texto e imagem. O infeliz Burchell, também infelizmente, não publicou nada sobre os desenhos das cidades e das pessoas que encontrou após o retorno à Inglaterra. Burchell acabou suicidando-se em 1863 sem ter o devido reconhecimento por sua extraordinária obra, que inclui ser o primeiro “urban sketcher” de Franca, com seu primoroso desenho datado de 27 de setembro de 1827, quando se posicionou no centro das atuais ruas Monsenhor Rosa (quase esquina com Saldanha Marinho) e retratou a primitiva (e demolida) igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição e as construções ao seu redor. A exposição “Paisagens Urbanas” em cartaz no Laboratório das Artes de Franca, com “urban sketches” de onze artistas e cidades diferentes, tem Burchell como patrono e pode ser vista até 29 de junho.

Mauro Ferreira é arquiteto